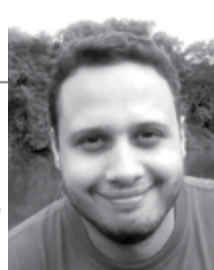




Carlos Siqueira



Divulgação

ARTIGO

Compreender e enfrentar a violência

Dijaci David de Oliveira* / Dione Antonio de Carvalho de S. Santibanez**

A violência está inscrita em todas as esferas sociais em maior ou menor escala. Dessa forma, podemos afirmar que não existem ambientes livres da prática de violência. Contudo, embora ela esteja em todos os lugares, podemos criar mecanismos para que sua manifestação seja mais ou menos controlada. Para tanto, isso demanda que se conheça as razões de sua manifestação, ou seja, o que motiva as práticas violentas.

Nas eleições atuais, no campo da segurança, observamos que muitos candidatos têm apresentado propostas absurdas e mirabolantes. Entre as proposições temos a pena de morte, a castração química e a redução da maioridade penal como formas de enfrentamento da violência. Essas promessas absurdas ou são lançadas para “fiscar” eleitores distraídos ou mal informados, ou são feitas sem nenhum compromisso social. Podemos afirmar isso, pois, onde se aplicou essas propostas, não se verificou o efeito esperado.

Para fugir da promessa vazia, o ideal é que enfrentemos o problema de modo inteligente, com persistência e ampla participação da sociedade. Precisamos de envolvimento das diferentes instituições de segurança pública, contando com o cumprimento de seus diferentes papéis e reforçando o respeito à cidadania e aos Direitos Humanos. Para colocarmos as políticas de enfrentamento à violência nesse patamar, devemos aprofundar o conhecimento acerca do problema que queremos solucionar. É necessário que identifiquemos os elementos que envolvem a criminalidade e determinados grupos sociais. A partir de um quadro mais elaborado, saberemos como agir para inibir ou mesmo eliminar certos tipos de violência. Enfim, precisamos pesquisar para compreender.

Como dissemos, a violência está em todos os lugares, e, ainda que o câmpus esteja entre os lugares mais seguros do Estado de Goiás, presenciamos algumas práticas de violência dentro da Universidade Federal de Goiás (UFG). O problema chamou a atenção da Reitoria e também do Núcleo de Estudos em Criminalidade e Violência (Necrivi), que buscam compreender mais sobre as práticas de violência dentro da universidade. Para tanto, os membros do grupo estão levantando todos os dados sobre ocorrências registradas pela seção de vigilância da UFG, fazendo análise qualitativa das percepções e dos sentimentos de insegurança na comunidade universitária e estudo exploratório de modelos de segurança efetivados por outras Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes). De modo geral, o estudo pretende elucidar quais seriam os tipos de conflito recorrentes na UFG, evidenciando as situações em que eles se manifestam de forma violenta.

Um dos objetivos dessa pesquisa é contribuir diretamente para a elaboração de uma política de segurança em nossa universidade. A partir dos resultados apontados pelo estudo, unidades acadêmicas, Pró-Reitorias, centros acadêmicos e demais órgãos e entidades da UFG poderão fundamentar propostas de um modelo de segurança, em que os diversos tipos de violência sejam considerados. Dessa forma, a respectiva pesquisa será um importante instrumento para subsidiar a reflexão acerca do tipo de segurança que queremos para os câmpus. Esperamos que possamos contribuir para a elaboração de uma política de segurança para a UFG, que proporcione um ambiente mais livre e estimulante para todos. Para saber mais a respeito da pesquisa, entrem em contato pelo e-mail necrivi@gmail.com.

* Diretor da Faculdade de Ciências Sociais (FCS)

** Coordenador do Núcleo de Estudos da Criminalidade e Violência (Necrivi)



COMUNIDADE PERGUNTA



Caroline Almeida

Quais são os atendimentos oferecidos pelo Centro de Saúde Câmpus Samambaia?

Giuliane Alves, estudante de Comunicação Social - Jornalismo



Carlos Siqueira

Gilma Moreira de Sousa, diretora do Centro de Saúde Câmpus Samambaia

O Centro de Saúde Câmpus Samambaia foi criado em novembro de 2013, a partir de um convênio entre a UFG e a Secretaria Municipal de Saúde (SMS), com objetivo de atender a comunidade acadêmica, exigindo apenas um comprovante de vínculo do paciente com a Universidade. As consultas são realizadas por meio do Sistema Único de Saúde (SUS). O local oferece atendimentos nas áreas de Clínica Médica, Enfermagem, Ginecologia e Psicologia, que podem ser agendados por telefone ou pessoalmente. Além disso, emergências de caráter leve também fazem parte da rotina do local.

Os atendimentos médicos são realizados em dois períodos, das 7h às 12h e das 13h às 16h. Já a parte administrativa, que inclui encaminhamentos, agendamentos e emissão de vale exames, conhecido como “chequinho”, tem funcionamento das 7h às 19h.

O Centro de Saúde também tem um Grupo Antitabagismo, que promove atividades e reuniões para grupos fechados. Os interessados podem entrar em contato com o Centro para buscar informações e realizar inscrições no programa de apoio pelo telefone 3521-1868.

Ciro Marcondes Filho ministra palestra na UFG

Serena Veloso

O pesquisador do CNPq e professor da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), **Ciro Marcondes Filho**, esteve na UFG, no dia 20 de outubro, para ministrar uma palestra, na Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), que integrou a abertura do VIII Seminário de Mídia e Cidadania e o VI Seminário de Mídia e Cultura (Semic), do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFG. Ele também é coordenador do Núcleo de Estudos Filosóficos da Comunicação e reconhecido por estruturar um dos fundamentos da Nova Teoria da Comunicação.

Durante a pales-

tra, **Ciro Marcondes Filho** ressaltou a necessidade de se pensar teoricamente o campo da comunicação nos cursos de graduação e pós-graduação, voltados atualmente muito para os aparatos técnicos como a televisão, o jornal impresso e o cinema. O pesquisador discutiu sobre as manifestações ocorridas em junho de 2013 e o impacto delas nos grandes veículos de comunicação, principalmente nas redes sociais, traçando um paralelo entre o conceito de comunicação criado por ele e o processo de formação da opinião pública no atual contexto político do Brasil.

De acordo com o pesquisador, a sociedade está envolta em um complexo de sistemas comunicacionais,

sendo que a comunicação só acontece no momento em que algo no mundo vem de encontro ao interesse dos indivíduos e mobiliza novas reflexões sobre concepções anteriores. “O acontecimento comunicacional é esse momento mágico que nos faz repensar o mundo”, explicou.

Ciro Marcondes Filho acredita que as redes sociais tiveram um papel fundamental na mudança dos processos políticos e se tornaram espaços de expressão democrática e de organização dos movimentos sociais, diferentemente das grandes empresas de comunicação. Enquanto os debates políticos se ampliavam dentro das redes, os veículos maiores tentaram encobrir as manifestações e passaram a se

posicionar partidariamente. “Se durante um tempo os veículos tentaram uma fachada supostamente imparcial, hoje eles não a sustentam mais. Aparecem de forma crua na opinião pública como veículos de setores conservadores”, comentou o pesquisador, que considera ainda necessário maior engajamento político nas redes sociais, porém de forma consciente.

Para o ele, o silenciamento das manifestações de rua e a instabilidade política do País vão trazer ainda novos desdobramentos. Pode-se aumentar o debate político com as redes sociais, aumentar a participação e os movimentos de rua. Porém, isso não, automaticamente forma consciência.

Letícia Antoniosi

